

RIACHO FUNDO II

ONDE MORA RONAN DE PAULA

Do jeito possível

JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

É meio-dia quando encontro o estudante Ronan de Paula, 17 anos, lavando a calçada de uma casa no Riacho Fundo II. O menino de cabelo curtinho, óculos e piercing mal-furado na sobrancelha conversa animadamente com duas amigas, enquanto brinca com o jato de água. O carro chega, todos se calam. É a desconfiança que leva o adolescente ao silêncio. Ronan é assim, arredio a primeira vista. Logo em seguida, abre um sorriso e começa a falar. Revela sua simpatia, conversa muito, fica amigo.

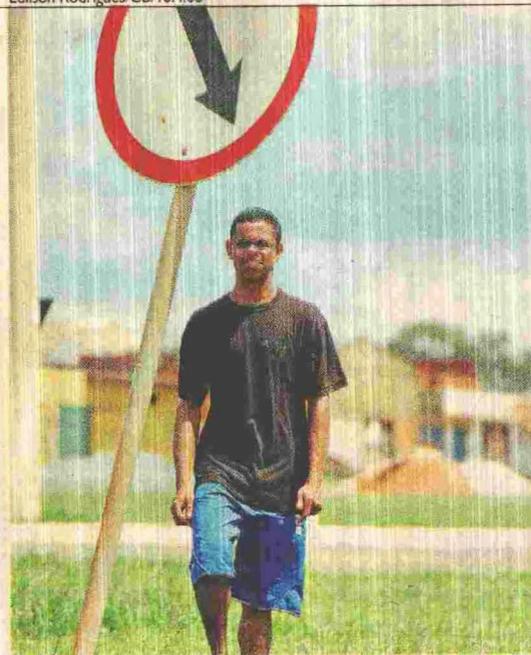
Foi também dessa forma que o garoto reagiu quando soube que se mudaria para o Riacho Fundo II, há quatro anos. Criado na Candangolândia, ele rabujou diante da necessidade de trocar de cidade. “Não queria deixar meus amigos e meus passeios. Sabia que numa cidade nova não teria nada para fazer”, relembra. Mas a necessidade falou mais alto: sem dinheiro, precisavam se mudar para um lugar onde o preço do aluguel fosse mais baixo. Ronaldo, o pai de Renan, é serralheiro. Alda, a madrasta, era manicure, mas a hipertensão fez com que ela deixasse o ofício.

A maioria dos jovens que vive no Riacho Fundo II tem uma história parecida com a de Ronan: pas-

saram por dificuldades financeiras e foram levados para lá pelos pais, que buscavam a dignidade do lar. A cidade se originou em 1994, como assentamento para atender 17 mil pessoas cadastradas no programa habitacional do Governo do Distrito Federal. Até 2003, a área era de responsabilidade da Administração Regional do Riacho Fundo I. A criação da 21ª Região Administrativa garantiu aos moradores, pelo menos, mais facilidade para reclamar de problemas de infra-estrutura. Hoje, o Riacho Fundo II tem cerca de 35 mil cidadãos.

A antipatia inicial de Ronan pelo Riacho Fundo II durou um bom tempo. Ele comprovou as primeiras impressões que a nova cidade lhe trazia. Sem praças ou quadras de esporte, cabe aos jovens do Riacho Fundo II buscar amizades para se divertir. “Sozinho, não tem o que fazer por aqui”, diz. Ele começou a se aproximar dos colegas de colégio, logo que se matriculou no Centro de Ensino 1. Rapidamente, já havia conquistado uma legião de amigos. Ronan cursa a 7ª série do ensino fundamental. Está três anos atrasado. Confessa que, na Candangolândia, não levava os estudos a sério. “Agora não vou mais dar mole”, garante.

No começo deste ano, Ronan precisou mudar mais uma vez de escola. Uma chuva forte destruiu parte do telhado do CE 1. Alguns alunos foram transferidos para uma escola em Taguatinga. Todos os



dias, um ônibus da Secretaria de Educação leva e traz os adolescentes. O que pode parecer um transtorno é a alegria de Ronan. “Que ruim que nada! Pelo menos a gente vê coisas diferentes, gente nova”, ressalta.

Para melhorar

O Riacho Fundo II padece de falta de atrações. O comércio ainda é incipiente e atende apenas as primeiras necessidades: supermercados, algumas lojas de vestuário e muitas de material de construção — como não pode deixar de ser numa cidade ainda em desenvolvimento. Para se ter uma idéia, perguntando entre os moradores, eles não apontam um ponto particular que identifique a cidade.

Ronan reagiu com desconfiança quando soube dos pais que a família teria que se mudar para uma nova cidade. Mas, aos poucos, ele se adaptou às circunstâncias e deu a volta por cima. Ao invés de reclamar, resolveu o problema da falta de opções de lazer, conquistando uma legião de amigos

Não há nada que esteja para o Riacho Fundo II como a caixa d'água está para a Ceilândia, ou como a feira está para a Guará.

Quando chega da escola, o adolescente vai para a casa da avó, na quadra vizinha de onde mora. Ele cuida dos serviços domésticos em troca de algum dinheiro. Não tem salário fixo. Com o que ganha, ajuda o pai e junta algum trocado para alimentar a vaidade. “Quando consigo, compro uma roupa para ir para as festas.” As saídas noturnas do adolescente são espaçadas — para a tranquilidade da madrasta Alda, que só consegue dormir quando os enteados estão em casa. “Ela tem medo daqui. Acha perigoso, diz que tem pouca segurança”, diz Ronan.

Ele mesmo conhece gente que já foi assaltada, sabe de adolescentes como ele que já morreram em brigas. Mas aposta na calma para se manter longe das confusões. “Gente errada tem em todo canto. O segredo é saber escolher as companhias.”

Um rapaz de poucos sonhos, quase nenhuma ambição. Ronan é simples, transparente. Não sabe ainda o que será da própria vida. Tenta, mas não consegue enxergar um futuro promissor. Pensa em trabalhar como empregado doméstico ou jardineiro — as coisas que mais gosta de fazer. “Quero terminar os estudos, mas sei que seria difícil fazer uma faculdade. Tenho primeiro que pensar em trabalhar para melhorar as coisas por aqui”, diz.